

## Saúdação à S.S.<sup>ma</sup> Virgem

---

*Salvê Maria! Mãe de Deus bendita!  
Dos pecadores doce mãe também!  
Em Vós o pobre tem sustento e abrigo,  
Em Vós o triste, grato alívio tem.*

*No mar da Vida, proceloso, irado,  
Vós sois, ao nauta, salvação, bonança,  
Quando perdido, já sem rumo ou norte,  
A Vós recorre com fervor e esperança.*

*Vós sois na terra, dos mortais o amparo;  
No mar, a estrêla que aos perdidos guia;  
No Céu, o anjo que por todos roga,  
Porque, de todos, Vós sois Mãe, Maria!*

\* \* \*

## CONSAGRAÇÃO

---

*Eis o meu coração. Et-lo bem teu, Senhora!  
Precisa de descansar, a Ti por isso vem;  
Não quer ouvir do mundo a voz inquietadora,  
Só lhe é doce escutar os teus segrêdos, Mãe!*

*O diadema imortal que tens na fronte, eu amo;  
E o teu sorriso doce, e o teu materno olhar...;  
Vejo-te, e cada vez mais bela te proclamo:  
A dar-te o coração venho a teus pés rezar.*

*Se êle é inconstante! Aceita-mo de-pressa:  
Deus sabe se esta noite ind'êle será meu!  
Teria que chorar pedindo-o a quem mo peça:  
Esconde-o, minha Mãe, esconde-o nêsse teu.*

*Se mais tarde vier pedir-to num gemido,  
Não mo tornes a dar, declara que o não dás;  
Declara desde já que és surda a tal pedido;  
Que to del; que é teu; e não mo tornarás.*

*A pureza me dá, tu que a pureza exprimes;  
Um seio todo amor, teu seio para mim;  
Fé, Caridade, Esperança, as virtudes sublimes;  
Desprêzo aos bens da terra, e um'hora boa emfim.*

*E então, quando esgotado o cállis da amargura  
Vier mansinha a morte aos olhos pôr-me um véu,  
Dá-me, para voar, azas de toda a alvura  
E vem esperar por mim no limiar do Céu.*

## III

- (29) Vivi sempre entre canalha,  
 (30) Nunca tive educação,  
 (31) Foi assim que me criaram  
 (32) Sem Deus nem Religião.
- (33) Tam pequeno e já vadio  
 (34) Um desgraçado vou dar,  
 (35) Não surgindo aí quem queira  
 (36) O meu mal remediar.
- (37) Sou o garoto da rua!  
 (38) Mas estúa,  
 (39) Neste peito a reerver,  
 (40) A minha grande amizade  
 A quem diz por caridade:  
 — Vai a Doutrina aprender!

(29)—Recúa para se pôr bem ao fundo no meio dos outros e indica-os com a mão direita. (30)—Gesto negativo. (31)—Abre e estende a direita em frente ao peito. (32)—Aponta o céu. (33)—Direita estendida para o lado. (34)—O mesmo que na precedente. (35)—Gesto indicando o auditório. (36)—Põe a direita sôbre o peito. (37)—Mãos estendidas para baixo. (38)—Levantando a direita a tremer. (39)—Põe a direita no peito. (40)—O mesmo que na precedente.

---

 AO SANTO PADRE
 

---

*Pasce agnos meos.* IOAN. XXI, 15.  
*Ego sum lux mundi.* IOAN. VIII, 12.

Negro o horizonte; os vastos céus toldados,  
 O nevoeiro minaz, que envolve a terra,  
 fuzila a espaços com fragor que aterra  
 (ao perto, ao longe) os êrmos, os povoados.

Ruge a procela. Os anhos tresmalhados  
 vão como hordas sem lei, que o mal desterra;  
 buscam debalde o seu redil na serra;  
 do sol de Deus caminham orfanados.

Povos da Europa, sus! Nesta hora incerta  
 ¿quem há-de unir-vos, desvendar o arcano,  
 dar-vos fé, apontar a estrada aberta?

Quem?!... — Êle só, o Ungido, o Sobrehumano  
 que além, orando sempre, e sempre àlerta,  
 campeia no Sinai do Vaticano.

VISCONDE (JÚLIO) DE CASTILHO.

Porque ser anjo de dia  
E à noite ser diabrête,  
E' ir p'r'inferno em paquête,  
E' insigne tontaria,  
E' semiar sem colhêr,  
E, como há pouco dizia,  
Um tecer e destecer.

— Pois fique o mundo p'ra trás,  
Amiga, fiquem passeios,  
Scenas, danças, devaneios...  
Vou ser anjo e tu verás.  
Não quero esta alma trazer  
Entre Deus e Satanaz  
A tecer e destecer.—

*¿ Há Penélopes beldades  
No mundo? — Há mais que as formigas.  
As que não tenham amigas,  
Que lhes digam as verdades.*

*Aprendam desta a temer  
Os perigos e as vaidades  
Do tecer e do destecer.*

P.<sup>E</sup> CAMPO SANTO, S. J.

## O BOM PASTOR

« — Encantadora scena a de um Pastor singelo  
guiando o seu rebanho ao passo com desvelo!

Contentes vão balando os cordeirinhos lédos  
em torno ao seu Pastor por bosques e relvêdos:  
Conhecem já tam bem a pegureira voz,  
que, ouvindo-a, logo vão do amo seu após...  
Encantadora scena! é tôda amor, desvelo!  
E' belo um quadro assim, Pastor assim é belo!

E' belo: quer seu gado em florida campina  
paste, ao primeiro alvor da aurora purpurina;  
quer, 'stando o sol a pino, à límpida corrente  
solicito o conduza e nela o dessedente;  
quer de um carvalho à sombra, em dôce cantilena,  
o leve a descançar... Encantadora scena!...

E, como o bom Pastor, de moléstias daninhas  
defende com ardor as mansas ovelhinhas!  
por elas, em vigia é todo o dia e noite;  
por elas, não há p'rigo a que se não afoite!  
Se lobo carniceiro o rebanho ameaça,  
Investe contra êle e logo o despedaça...

Já livres do perigo, ouvindo a voz que as chama,  
amam o seu Pastor, como o Pastor as ama.  
Encantadora scena! é tôda amor, desvelo!  
E' belo um quadro assim, Pastor assim é belo!... » —

P.<sup>E</sup> LUÍS GONZAGA CABRAL, S. J.

II

CÔRO :

MORGADO :

*Tem seu ar, etc., etc.*

Pois eu suponho, amigo,  
Que seria um azar sinistro  
Ser isso só; qu'ria vê-lo  
*C'uma* pasta de sôr ministro.

O LABRÊGO :

CÔRO :

Quem no sabe, qu'rida Rita?!...  
Mas já podes crer, vida minha,  
Que sômos mais lá em casa,  
Onde eu sou rei e tu rainha.

*Tem seu ar, etc., etc.*

TIA RITA :

Tu ministro, ai! eu ministra,  
A correremos Lisboa tôda...  
Que figurão *botaremos*  
Entre a gente da alta roda!

CÔRO :

*Tem seu ar, etc., etc.*

## O CATECISMO

(TRADUÇÃO)

¿ Vês êsse môço janota,  
Sem cultura e presumido,  
Mal falante, bem vestido,  
Da má língua dando a nota,  
Que, a dar-se ares de valente,  
Blasfema, perjura e mente,  
Com risível quixotismo?  
E' o que se chama... *uma esp'rança*,  
Pois nunca na sua infância  
Se ocupou do Catecismo...

¿ Vês êsse escritor nôvel,  
Que escreve todos os dias  
Uma resma de papel  
E outra resma de heresias?  
Pois bem: se a êsse letrado,  
Tam inchado de scientismo,  
Quereis ver abananado  
Como em face duma afronta,  
Pedi-lhe que vos dê conta  
Dum pouco de Catecismo...

¿ Vês êsse pobre operário,  
Que em dia de peixe espada,  
Por dinheiro ou vinho vário,  
Caco cheio ou bolsa cheia,  
Se atira p'rá barricada  
E d'assassino alardeia?  
Infeliz! Nem se desola  
Do criminoso heroísmo  
Que outro explora em seu proveito!  
E' que, quando foi à escola,  
Nunca fez coisa de geito,  
Nem *chêta* de Catecismo...

¿ Vês êsse alto magistrado  
Que, em vez de acusar o vício,  
Dá liberdade ao malvado  
E ao inocente o suplício;  
E, mais patife e canalha  
Do que o réu contra quem ralha,  
O oiro da parte engrola  
P'ra saciar seu egoísmo?  
E' que, quando foi à escola,  
Se esqueceu do Catecismo...

## *A mais bendita esmola*

---

«Certamente que a esmola que damos aos pobres para aliviar as suas misérias tem grande mérito aos olhos de Deus. Mas quem negará a superioridade do zêlo e do labor pelo qual ganhamos as almas instruindo-as e advertindo-as para os bens eternos?»

«A catequese é a instituição mais útil para a glória de Deus e salvação das almas.»

PIO X.

*Dar agasalho e pão, envoltos em ternura,  
à criança faminta, andrajosa, indigente,  
— é fazer rutilar scentelhas de ventura  
nas trévas sem calôr do seu viver dolente.*

*Rasgar-lhe êsse horizonte imenso da leitura,  
enchendo-lhe de luz a embrionária mente  
que jazia vendada, imersa em noite escura,  
— é conceder-lhe um Bem que nenhum Mal desmente.*

*Mas a esmola mais santa, a mais bendita esmola,  
que por toda a existência acalenta e consola,  
e que suaviza a dôr do momento mais triste;*

*êsse infindo caudal de fúlgidas esp'ranças,  
essa esmola sem par que se deve às crianças,  
— é ensinar-lhes a alma a crêr que Deus existe!*

BRANCA DA SILVEIRA E SILVA.

---

## AVÈMÀRIA (\*)

---

A música da página seguinte é dedicada à memória do benemérito e saúdoso director das Oficinas de San-José, do Pôrto, Senhor D. SEBASTIÃO LEITE DE VASCONCELOS, de quem o autor foi aluno.

---

(\*) Ao maestro senhor Cipriano Gil, distinto professor inscrito no Conservatório de Música do Pôrto, devo a amabilidade da seguinte composição em estilo de contraponto, que revela a alta competência do autor e o seu aproveitamento no Conservatório de Paris, onde se formou como pensionista do Estado.

# Luís, o Vendedor de Jornais

---

Eis uma história singela,  
Verdadeiramente bela,  
— Meninos que me escutais, —

Dum garotito pequeno,  
Rosto pálido, moreno,  
Que apregoava jornais:

Vivia num quarto escuro,  
Onde o ar nunca era puro,  
Sòzinho com sua Mãe.

Ela, a pobre, costurava  
E mais e mais se cançava,  
Não a ajudando ninguém!

O pequeno, tristemente,  
— Vendo assim a mãe doente, —  
Poz-se um dia a meditar:

«Ouvi dizer ao João  
Que fizera a Comunhão  
Mais o seu irmão coxinho

E pedira nesse dia  
Muita coisa, — que alegria! —  
Para o pobre aleijadinho... »

Assim pensou o pequeno  
E ficou, muito sereno,  
Olhando a Mãe que tossia...

Mas depois, de manhã cêdo,  
Entrou numa igreja — a mêdo, —  
E caminhando... sorria!

Assim que viu o Prior  
Foi-lhe pedir o favor  
De o ensinar a rezar;

Pois queria ser cristão,  
Fazer a sua oração  
E queria... comungar! —

O Prior, todo contente,  
Ali mesmo, de repente,  
Lhe deu uma liçãozinha...

Falando-lhe de Jesus  
— (Caminho, Verdade e Luz),  
Que também foi criancinha!...

— O pequenito voltou  
Muitas vezes, — e escutou  
A nossa santa Doutrina,

E assim soube quanto quis,  
O pobrezinho Luís;  
Tudo quanto a Igreja ensina.

E num dia de verão,  
Com a maior devoção,  
Recebeu nosso Senhor,

Pedindo-Lhe, humildemente,  
Pela Mãezinha, doente,  
A quem tinha tanto amor.

... ..

... ..

Dois meses eram passados  
E tinham-se ido os cuidados...  
— A Mãezinha já curada,

Quis aprender a rezar  
E foi também comungar,  
Um dia, de madrugada!

— « Como é bom o Senhor Deus  
Que fez a terra e os Céus... »  
Diziam êles, os dois!

« Mas lembremo-nos que a vida  
Passa, passa, — de fugida —  
E que o Céu... vem *ao depois* »!...

TIA SAÚDADE.

# AS DUAS BANDEIRAS

---

Dois campos de batalha: ardido exército  
De um lado e de outro lado. Armas estrugem.  
Num dos campos retinem sons de júbilo ;  
Sons infernais no campo adverso rugem.

Mas êste, os arraiais em Babilónia,  
Entre nuvens de fumo e hórrida flama,  
Assenta; e em trôno, que arde em fogo, a Lúcifer  
A soldadesca por caudilho aclama.

Satán, soberbo ergue o pendão, e, rábido  
Jura, troando em voz morfanha e cava,  
Guerra a Jêhová que o despenhou do Empírio ;  
— Como um vulcão ao Céu cuspiendo a lava! —

E aos seus atíça em ódio e em atra fúria,  
E os manda, quais famintas alcateias,  
Pelo mundo co'a pressa do relâmpago,  
Prear homens com rêdes e cadeias.

« Para que farta seja a prêsa em número »  
— Lhes troveja com voz medonha e acerba, —  
« A trama nas ciladas será tríplice :  
« As riquezas, as honras, a soberba ».

« Levareis da desgraça até ao cúmulo,  
« Se esta traça seguirdes, a todo o homem ;  
Que esta é a vorágem mais fagueira e rápida  
Por onde as almas dos mortais se somem. » —

Em bando festival, ao longe, avistam-se  
Junto a Jerusalém, em campo extenso,  
As tendas alvejantes de outro exército.  
— Lembram mil braços a acenar co'o lenço. —

Oh! crianças gentis! Gárrulos passarinhos!  
 Vossa inquieta estroinice,  
 Vossos risos pueris, mais musicais que os ninhos,  
 Dão mocidade à alma e a aromam de meiguice.  
 Oh! crianças gentis! Vós sois, loiros traquinas,  
 Rosas do nosso amor, as heras das ruínas,  
 Sol da nossa velhice!  
 Oh! crianças gentis! Vós sois reminiscência  
 Da nossa infância em flôr.  
 Vossos louros aneis, frisados, da inocência,  
 São cadeias que mais soldam ainda o amor!  
 Sois os risos do lar; e em horas de desgraça,  
 Vossos bracinhos são a cruz a que se abraça  
 A nossa grande dôr!  
 Dizem que nos fazeis um tal motim que alegre,  
 Mas doido, absurdo, atroz!  
 Porém, quando morreis e uma cruzinha negra  
 Vos tapa o caixãozinho, e os pais se sentem sós...  
 Quando é silêncio o lar, parques, jardins, terraços,  
 E o ar nem de vós traz leve rumor de passos?...  
 Então... choramos nós!...

GOMES LEAL.

---

## A VERDADE

---

*Qual é aquela formosura  
 que vestir-se não procura  
 por maior honestidade?  
 «A verdade».*

*Qual é o garrote duro,  
 do hipócrita, do perjuro,  
 da traição, da impiedade?  
 «A verdade».*

*Que cousa há no mundo tal,  
 tam sincera, clara e igual,  
 que a Deus e aos homens agrade?  
 «A verdade».*

*E que alma tem a história,  
 que a faz, nas azas da glória,  
 de idade passar em idade?  
 «A verdade».*

*Que receia o delinqüente  
 se o crime não é patente  
 à luz da publicidade?  
 «A verdade».*

*Quem certifica ao Profeta,  
 ou ameace, ou prometa,  
 com infalível claridade?  
 «A verdade».*

*Quem da oprimida inocência  
 com dolo, ou com violência  
 haverá que se apiade?  
 «A verdade».*

*Quem poliu dentro dum instante  
 de Santo o bruto diamante  
 para o sol da cristandade?  
 «A verdade».*

*E quem dá, no hospício, a tantos  
 milhões e milhões de Santos  
 eterna sociedade?  
 «A verdade».*

PADRE MANUEL BERNARDES.



Para encontrar a paz que tanto anceio, (1)  
Dulcíssimo Jesus, que hei-de fazer,  
Se vai o mundo de maldade cheio?  
— Calar, sofrer.

E quando fôrça injusta me assoberba,  
Nem me deixa um instante em paz viver,  
Que remédio me dais à dôr acerba?  
— Calar, sofrer.

E se vier do céu ferir-me o açoite  
E fôr o mesmo céu surdo ao gemer,  
Ao gemer de alma em tenebrosa noite?  
— Calar, sofrer.

E se a calúnia vil, com seu veneno,  
Da vida me tirar todo o prazer,  
Como farei para seguir serêno?  
— Calar, sofrer.

E se por eu calar, o mundo ingrato  
Mais abusar de mim, mais me abater,  
Que farei, ao julgarem-me insensato?  
— Calar, sofrer.

Esta é, manso Jesus, vossa doutrina,  
O vosso exemplo assim no-lo fez ver,  
E faz, que no sacrário é o que ensina  
— Calar, sofrer.

Nêsse, de amor, imperturbado asilo,  
No vosso coração quero viver:  
E dentro dêle saberei, tranquilo,  
Calar, sofrer.

## CAI O PANO

---

(1) Versos do grande poeta sr. Padre J. Serafim Gomes, S. J.

## O APÓSTOLO DA CARIDADE

---

P'las ruas de Paris, na escuridão da noite,  
San-Vicente de Paulo, a meditar, sòzinho,  
esquadrinha os portais; não seja que se acoite  
ali, abandonada, alguma ave sem ninho.

Encontra uma criança, a tiritar de frio,  
quási desfalecida. A fome é negra e tanta!  
Apenas em camisa, a desfazer-se em fio;  
n'um abandôno tal que doi, confrange e espanta!

Está adormecida; a pedra, é almofada;  
coberta, o firmamento; o leito, a terra dura.  
Na cabeleira loira, inculta e desgrenhada,  
cada gôta de orvalho pérolas afigura.

Toma-a o santo ao cólo e busca tecto e abrigo  
àquêle pobre anjinho, em cujo sôno doce  
há tal encanto e paz, como se, o ser mendigo  
no destêrro do mundo, a maior dita fôsse!

Mas acorda a criança ao limiar da porta,  
onde a recebe alguém com maternal carinho.  
Logo um caldinho quente a anima e a conforta,  
e lhe vestem a roupa alvíssima de linho.

A criança, a olhar, parece que procura  
o porquê do mistério; e com ingenuidade,  
pregunta: «*Quem és tu?*» — «*Eu sou a Desventura!*»  
— «*Pois eu, responde o santo, eu sou a Caridade!*»

Desde então não deixou de percorrer as ruas,  
nunca mais, alta noite, o Apóstolo do Bem.  
E as crianças sem lar, com fome, semi-nuas,  
na sua caridade, emfim, acharam mãe!

# SAULO

---

Num galope veloz, cavaleiro da morte,  
Saulo atira o corcél, ofegante, a espumar;  
entre nuvens de pó, cavaleiro e coorte  
só a vista de Deus é que os pode alcançar.

A Damasco, a Damasco! — êle brada iracundo —  
levo cartas de morte; o senado m'as deu.  
E' preciso impedir que se espalhe no mundo  
a doutrina fatal do Rabi Galileu.

E o cavalo, a voar, fere lume na estrada;  
e o feroz cavaleiro excogita razões  
com que possa encobrir sua raiva jurada  
e de adeptos da seita atulhar as prisões.

Sol brilhante queimava o seu rosto ensudado;  
muito ao longe se ouvia o tremendo tropel.  
Pela sombra era bem meio dia marcado  
confundindo-se nela emissário e corcél.

Mas súbito relâmpago  
brilha no céu, veloz.  
Por terra o cavaleiro  
ouve tremenda voz:

« Eu sou êsse Jesus  
a quem perseguição  
tu moves. Ser-te-á duro  
reagir ao aguilhão? »

A voz diz: « Saulo, Saulo!  
Persegues-me, porquê? »  
Tenta o cavaleiro erguer-se.  
Saulo quer ver, não vê.

Então o cavaleiro  
conhece que um poder  
com quem se não discute  
o tenta demover.

E ante a maguada queixa,  
tremendo de pavor,  
nem sabe que responda.  
Diz: Quem sois vós, Senhor!

E curva-se, dizendo:  
« Senhor, que q'reis que eu faça? »  
Eis o leão cordeiro,  
Entrara nêle a graça.

E entre geral espanto  
do séquito, a acudir,  
repreensão severa  
a voz lhe faz ouvir:

E dentro em poucos dias,  
em plena sinagoga,  
a causa de Jesus  
publicamente advoga.

# UM JOVEM COMO HÁ MUITOS

O que a um j6vem um velho perguntava,  
E o que ao velho 6sse j6vem respondia  
Vou contar. Tu, ouvinte, no peito o grava  
E feliz se o pesares noite e dia.

— *¿E que pensas tu ser?* — Ser advogado,  
Que 6 carreira de lustre e de proveito.  
— *¿E depois?* — Jornalista, deputado;  
Tenho l6bia, descaro e um forte peito.

— *¿E depois?* — E depois... d6-se ao registro...  
Como em c6rtes mais vale quem mais guincha,  
Embraço um dia a pasta de ministro.  
— *¿E depois?* — Milion6rio. Que pechincha!

Arranjando de-pressa um bom rilheiro,  
Faço uma figa 6 fome e 6s aperturas.  
— *¿E depois?* — Darei soltas ao dinheiro  
Em pal6cios, cavalos e aventuras.

— *¿E depois?* — Titular... (bar6o... dispenso);  
Conde, marqu6s, gran-cruz e o mais que f6r.  
— *¿E depois?* — T6da a gente a dar-me incenso,  
E eu a sorrir com ar de gran-senhor...

— *¿E depois?* — Ir gozando a b6a sorte,  
Longos anos folgar em d6ce calma.  
— *¿E depois?* — Ah! depois... por fim... a morte.  
— *¿E depois?* — *¿Que h6 depois?* — *Perderes a alma.*

— *Perderes a alma, sim, patarateiro,*  
*Que nessa Babil6nia 6 qual aspiras,*  
*Te esqueces de buscar a Deus primeiro*  
*E s6 p'ra terra 6sses teus olhos viras.*

*¿Que ganhas em ganhar o mundo inteiro,*  
*Se perdes a alma, se em pecado expiras?*  
— Ai! basta (diz o moço ao velho), cala;  
Recebi a liç6o, vou pratic6-la.

Era uma vez . . . (*Sismando*) Vamos vêr  
Se me não falha a memória . . .  
Não é raro, ao entrar  
Com muito int'rêsse na história,

Esquecer-me de repente.  
E com cara d'asno fico,  
Não atino com que diga,  
Não sou capaz de abrir bico.

Era uma vez . . . 'stai atentos,  
Merece o conto atenção;  
Tem int'rêsse, é verdadeiro;  
E' caso de sensação.

Pois era uma vez . . . um gato!  
Tinha os olhos . . . ao revês! . . .  
Tinha as pernas . . . de farrapo!!  
¿Q'reis que vos conte outra vez?

P.<sup>e</sup> ZAMITH.

---

## MODERNO MATERIALISTA

---

Já prègando a descrença, o scèpticismo,  
Com mais ostentação que consciência,  
Um imberbe rapaz, que da sciência  
Julga ter penetrado o fundo abismo,

De Deus contesta, intrépido, a existência;  
Escarnece a Trindade e o misticismo,  
E, talvez mais por moda que cinismo,  
Insulta e desafia a Providência!

De nada se apavora, nada teme,  
Nunca soube jâmais o que era mêdo . . .  
Mas eis que a tempestade estoura e freme,

O raio sulca o céu, lasca o rochêdo,  
E o *Jovem Sábio*, que já foge e treme,  
Vai, prostrado c'oa mãe, rezar o *crêdo*.

|                             |   |
|-----------------------------|---|
| CÔRO :                      | CONCEIÇÃO   |
| Não há terra como a nossa : | { Ai! caras amigas<br>{ Do meu coração,                       |
| Bêrço que nos viu nascer,   | { Qu'ria acompanhar-vos<br>{ Mas não posso, não!              |
| Mãe que nos chama de longe  | DÔRES CONCEIÇÃO<br>Do meu coração. <i>Mas não posso, não!</i> |
| E connôscó quer viver.      | DÔRES CONCEIÇÃO<br>Do meu coração. <i>Mas não posso, não!</i> |

MÚSICA N.º 9

VERSOS DE CONCEIÇÃO: O CÔRO (*Canta o seguinte, ao mesmo tempo que Conceição*)

Quantas amarguras  
Torturam meu peito  
Ao lembrar-me agora  
Da separação!  
Ainda que eu veja  
Que é preciso ir,  
Ai! sinto dizer-vos  
Que não posso, não.

*Quantas amarguras  
Sinto no meu peito  
Ao ouvir agora  
Tua negação!  
Vamos, sem demora,  
Que é preciso ir,  
Ai! amiga minha  
Do meu coração!*

FIM

---

*Paga de Jesus*

O que se faz por bem  
Não cáí no chão;  
Apanha-o Deus  
De sua mão;  
E num momento  
Põe-no a render solícito nos céus  
A mil por cento;  
E, se às vezes parece que é tardio  
Em seu pagar,  
Crêde-me; isso vos fio:  
E' p'ra mais dar.

S. L.

## ÀS IRMÃS MISSIONÁRIAS

---

Mensageiras do bem! Oh santas criaturas!  
Vós tôdas, que levais às terras d'além mar  
Alívio para a dôr, e, às regiões escuras  
Da consciência humana, o místico luar.

Andorinhas de luz! que em vossa migração  
Não procurais calor, mas ides espargir  
O balsamo da fé em cada coração,  
E pôr em cada peito a esp'rança no porvir.

Irmãs! que praticais (o vosso nome diz)  
Na terra a verdadeira e sã fraternidade,  
E a miséria cruel solícitas cobris,  
Sôbre ela desfolhando a flôr da Caridade.

Que aos humildes falais em nome de Jesus,  
Que sabeis consolar, e tendes o condão  
De transformar a treva em páramos de luz,  
E pôr almas de neve em corpos de carvão.

Que se vos leva à guerra o vosso crú fadário,  
Enquanto dos canhões ruge o troante brado,  
Generosas rasgais o vosso escapulário  
E com êle estancais o sangue do soldado.

Parti! Mas escutai..., Irmãs de caridade:  
Quando pelo sertão vos internardes mansas,  
E mostrardes ao negro o trilho da verdade,  
E o caminho do bem às tímidas crianças;

Quando nos hospitais à beira do doente,  
Anónimo, infeliz, sem lar e sem família,  
Lhe fôrdes mitigar a sêde e dôcemente  
Acompanhar da febre as noites de vigília;

Dizei-lhes que há no mundo um canto abençoado,  
Protegido de Deus, jardim que a natureza  
Floriu, e nos doou p'ra bêrço perfumado;  
Pátria de todos nós! A pátria portuguesa!

Onde em claras manhãs a viração do sul  
Pelo Tejo se estende em manso espreguiçar...  
Em que há sol, em que há luz, em que há o céu azul  
E roseirais em flôr nas ribas sôbre o mar;

Mãe, que nos embalou a infância descuidosa;  
Amante, que nos enche o coração de vida;  
Filha, que há-de fechar, com leve mão piedosa,  
Os olhos, na final, extrema despedida.

Ensinai-lhes a amar a terra ocidental,  
Fecunda mãe de herois, pátria de tradições!  
Espalhai pelo mundo a voz de Portugal,  
Da pátria onde se fala a língua de Camões!

# OS PATRIOTAS

---

— Quem vem lá? — *A Caridade.*

— Não conheço; alto aí!

Não passa, que à Liberdade  
Sentinela faço aqui.

— Donde vem c'o seu rosário?

— *Donde venho?! Do Calvário,  
Nasci e criei-me c'o a Cruz.*

— Arreda com tais bisarmas!

O' patriotas, às armas!

Que esta gente é de Jesus.

— *Esp'rai; talvez enganada  
Fôsse em França por meu mal,  
Cuidei que esta era a falada  
Terra fiel, Portugal.*

— A terra é aqui, mas agora

Não se admitem de fóra

Senão soldados ou reis;

O mais é tudo de casa,

Por isso não fazeis vaza

C'o as coisas que cá trazeis.

— *Mas...* — Não passa, tenho dito.

Estrangeirice! Isso não;

Se fôsse um livro bonito,

Alguma constituição,

Cabeleireiro ou dentista,

Ou dançarina ou modista,

Isso poderia passar;

Mas coisas que têm perigo

Não passam aqui comigo,

Sem eu às *armas* chamar.

— *Então de perigo ou estrangeira  
E' esta cruz que trago aqui?!*

— De certo, que essa bandeira

Têm os jesuitas por si.

Nada! Cruzes só cá feitas,

Só nacionais às direitas,

E até de aço as temos cá.

— *Oh! Esta os povos fazia*

*Todos irmãos!* — Quem diria

O atrazo em que a França está!



Já não há quem ame as flôres,  
nem perfumes que elas têm;  
como a sorte da virtude,  
que ninguém lhe quer já bem.

Coração que é generoso  
lindas flôres deve amar!  
Não nos há,—que eu vendo flôres,  
e ninguém m'as quer comprar.

¿ Quem nas compra, as lindas flôres,  
botõezinhos por abrir?  
São penhor, a quem nas compra,  
de venturas no porvir.

Meu senhor: a flôr num peito  
nunca pôde mal ficar,  
se êsse peito tem nobreza  
para a não envergonhar.

A florinha em peito nobre,  
Se nos fala, quer dizer:  
— « Quem amostra flôr tão linda  
Flôr mais linda há-de esconder ».

Meu senhor, comprei as flôres,  
Que ventura só vos dão:  
E à floreira, que as cultiva,  
Dão-lhe vida, gôsto e pão.

DR. ANTÓNIO DE MENEZES, S. J.

## PÁTRIA

*Bêrço* róseo, onde minha santa Mãe me disse,  
entre beijos de amor, a primeira meiguice;

*escola* em que aprendi, do mestre paternal,  
a soletrar assim com gôsto *Por tu gal*;

*altar* em flôr, perante o qual a alma aquece  
e vôa para Deus no lindo avião da préce;

*céu* azul, onde errante andou, pelo sol-pôr,  
a lânguida espiral do meu primeiro amor;

*bandeira* ao vento, em terra, ou num penol agudo,  
mostrando aos povos, pela vida além, o escudo

das quinas mágicas que pôdem transformar  
um peito português num vagalhão do mar;

« *Leão-do-mar* », Portugal,  
meu canteiro sacrosanto,  
com *saúdade*, riso e pranto,  
com um *fado* em cada canto  
e uma audácia triunfal;  
*marujo* alegre e bonito,  
bemdito sejas, bemdito,  
desde a terra ao Infinito,  
meu valente Portugal!

(Do *Correio de Coimbra*).

CÔRO — Fomos à igreja, mas, por isso mesmo,  
Temos a esp'rança de nos casar bem;  
Mulher's que rezam, serão preferidas  
Por quem é sério e juizo tem.

CAI O PANO SERÊNAMENTE AO SOM DA MÚSICA

## PÁTRIA

Pátria... E que Pátria! a mais formosa e linda  
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!  
Campos claros de milho moço e trigo loiro,  
Hortas a rir, vergéis noivando em frutos de oiro,  
Trilos de rouxinóis, revoadas de andorinhas;  
Nos vinhedos, pombais; nos montes, ermidinhas;  
Gados nédios, colinas brancas, olorosas,  
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas;  
Selvas fundas, nevados píncaros, outeiros  
D'olivais; por nogais, frautas de pegureiros,  
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,  
Eiras de sonho, grutas de génios e de fadas;  
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,  
E, entre a harmonia vergiliana, um povo rude,  
Um povo montanhês e heroico à beira mar,  
Sob a graça de Deus a cantar e a lavar!...  
Pátria feita lavrando e batalhando: Aldeias  
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias;  
Cada vila um castelo; as cidades, defesas  
Por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas.  
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,  
Grimpas de catedrais, zimbórios de convento,  
Campanários de igreja humilde, erguendo à luz,  
Num abraço infinito, os dois braços da cruz!  
E êle, o heroi imortal duma emprêsa tamanha,  
Em seu tugùriozinho alegre, na montanha,  
Simples vivia — paz grandiosa, augusta e mansa.  
Sob o burel, o arnez; junto do arado, a lança.  
Ao pálido esplendor do ocaso, na arribana,  
Di-lo-íeis, sentado à porta da choupana,  
Ermitão misterioso, extático, vidente,  
Olhos no mar, a olhar sonambùlicamente...

.....

# Recordações da infância

---

Saüdades!! Tenho saüdades  
dêsses tempos que lá vão!  
quando à porta do quinteiro  
eu jogava o meu pião;  
quando no campo eu corria  
c'um papagaio na mão.

Nos inocentes folguêdos  
eu via o tempo voar;  
se um dia vinha um sopapo  
que me obrigava a chorar,  
depois, de mimo coberto,  
eis-me a rir, eis-me a brincar!

Oh! que então eram na terra  
tudo venturas para mim!  
meu pai me dava biscoitos,  
minha mãe, beijos sem fim;  
minha avó me defumava,  
de manhã, com alecrim!

Meu pião idolatrado,  
que será feito de ti?...  
papagaio da minha alma,  
há que tempo te não vi!...  
doces biscoitos de outrora,  
quem mos dera agora aqui!...

Por entre os prados amenos  
como, contente, eu saltei  
com o meu chapéu de dois bicos,  
que dum papel arranjei,  
e em grôssô pau a cavalo,  
mais orgulhoso que um rei!

Meigos beijos inocentes,  
como ainda me lembrais!  
cheirosos defumadouros,  
que saüdades me inspirais!  
meu lindo chapéu de bicos,  
não me enfeitarás jãmais!

De ser cristão nessa idade,  
tendo já nobre altivez,  
de papelão com a mitra,  
que o mano António me fez,  
ao pé da minha igrejinha  
bispo fui por muita vez!

Grôssô pau em que eu montava,  
em cinzas, talvez, será!  
a mitra, com que fui bispo,  
esfarrapada foi já!  
e a minha bela igrejinha,  
em que mãos hoje estará!

Da infância a negra saüdade,  
que à desgraça me reduz,  
a minha alma espevitando,  
tem quási apagada a luz;  
só vivo até que meu peito  
às escuras diga: — truz!

\*  
\*   \*  
\*   \*   \*

Enquanto lá no *curête*  
 Tá a *múseca* a tocar,  
 Chego o *pavio* ao foguête,  
 Tás a *bêr!* — para animar!  
 Acompanho a procissão,  
 Cá à frente ou lá atrás,  
 Co'os foguêtes e o morrão...  
 Chi... (*Simulando deitar o foguête*)

Catapraz! paz! zaz! traz! paz!

*Refrain* { Se não rebentam,  
 Vai *intão* um  
 Daqueles taludos...  
 Pum! Catapum! (*Batendo com os pés*).

(*Sáí com a música*).

Do livro «*Teatro*» de

A. VICTOR MACHADO. (1)

## O LAR PATERNO

Como a ave que volta ao ninho antigo,  
 Depois dum longo e tenebroso inverno,  
 Eu quis também rever o lar paterno;  
 O meu primeiro e virginal amigo.

Entrei. Um génio carinhoso e amigo,  
 O fantasma talvez do amor materno,  
 Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno,  
 E passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (oh! se me lembro e quanto!)  
 Em que da luz nocturna à claridade  
 Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem há-de?  
 Uma ilusão gemia em cada canto,  
 Chorava em cada canto uma saüdade!

LUÍS GUIMARÃES.

(1) A música vende-se na Livraria Ferreira & Franco, Rua Barros Queirós, 14-18, Lisboa.

# AS CRIANÇAS

---

Eu gosto dos *bèbés*, quer sejam bons ou maus,  
Graves como meninas,  
Quer manobrem bastões, ou pedras, ou calhaus;  
Guerreiros ou pimpões, sonsinhos ou traquinas  
Gosto dêles todos, rapazes e meninas,  
Louros, de olhos azuis, berrando, às cavaleiras,  
Em casa, ou nas esquinas!  
Morro pelos *bèbés*! Sob o meu *frak* à inglesa  
Bate o peito dum pai,  
Sinto em mim derreter tôda a glacial braveza,  
E faz mais móça em mim que a Rússia ou que Bismarck,  
Se algum dêses *bèbés* correndo sôbre um parque  
Quebra o nariz — e cáí!  
Os beicinhos que faz num chôro convulsivo  
Aos suspiros e aos ais! —  
Enternecem-me mais que um drama bem ao vivo,  
As guerras da Bulgária e os crimes dos jornais!...  
O sangue, que lhes cáí do narizinho inchado,  
Parece-me um dilúvio, um mar vermelho irado  
Que não pára jâmais!  
Adoro êstes pimpões e generais de saias,  
Cabelos em aneis,  
Quer a cavalo em paus nas ruas, ou nas praias,  
Quer façam de clarins, tambor de furrieis.  
Môrro pelos *bèbés*! — Correctos ou frisados,  
Sujos ou trapalhões, os beiços lambuzados  
De terra ou de pasteis!  
Tenho a bossa de pai. Eu cá por mim confesso  
Aqui e ao orbe inteiro  
Que nada gosto mais que dum *bèbé* travêso,  
Que borra a cara e as mãos na tinta do tinteiro!  
Nada me faz rir mais, que ver Lili gulosa,  
De bôca lambuzada e faces côr de rosa,  
As mãos no açucareiro!  
Acho mui superior ao Grão Senhor dos turcos,  
Ao nababo e ao rajah,  
Ou a um rei do milhão, puxado por seis urcos,  
Ser um simples bom pai, grave como um pachá,  
E ver os seus *bèbés*, pernas nuas, descalças,  
Sujar-lhe com manteiga as suas ricas calças,  
Chamando-lhe: — Papá!

E vamos assim vivendo,  
Ninguém sabe o que será;  
Eu ando sempre tremendo  
Das voltas que o mundo dá! —  
Dizem que sou avarento!  
Mas, se eu vivo a meu contento,  
Que importa o que o povo diz?...  
E' bem tôlo quem m'ô chama!...  
Ora vejam se essa fama  
Não me faz viver feliz.

As gazetas, tenho-as lido  
Quando aqui m'as vem trazer;  
Assiná-las, a pedido!...  
Nada... nada... não sei lêr!...  
Assim poupa-se o dinheiro,  
E quando haja algum brejeiro  
Que lá me queira zurzir,  
Não me faz suar a testa!  
Não pagando para a festa,  
Leio tudo... e fico a rir!

Dos que pedem por ofício  
Nem um só me vem pedir!...  
Actor que faz benefício  
Não se lembra de cá vir!  
Esses *grandes* da Cidade,  
— Os homens de caridade —  
Que fazem grandes acções,  
Nenhum dêles me procura,  
Nem me pede a assignatura...  
Nem vem limpar-me os tostões!

Até os ladrões, coitados,  
Não tentam vir-me roubar!...  
Pois ficavam arrançados  
Se podessem cá entrar!...  
Os outros riem... motejam...  
Mas... por fim... todos cortejam  
Um homem que tem de seu!  
No mais não me dão desgosto: —  
Eles vivem a seu gôsto,  
Eu vou cá vivendo ao meu.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS.

---

## FESTA DE CRIANÇAS

---

Houve um dia em Portugal,  
Uma rainha encantada  
A quem o povo transformou  
Em santa miraculada.

E nós, meninas e môças,  
Sonhadoras, donairosas,  
Temos amor a essa lenda  
Que transformou oiro em rosas!

Nas lindas tardes de Maio,  
Quentes, floridas, formosas,  
Mudava instantâneamente  
As moedas de oiro em rosas.

E assim viemos aqui,  
Cheias de vida e frescôr,  
Transformar a nossa vida  
Em risos francos de amor...

E a lenda fez-se grandeza  
Nobre, santa, angelical...  
E anda assim há muito tempo  
Em terras de Portugal.

Nós, crianças! Ela, santa!  
Qual de nós tem mais valia?  
Ela transformou as rosas...  
Nós, a vida em alegria...

Este sonho é a nossa lenda;  
Deixai-nos ser sonhadoras,  
Que esta festa é a nossa vida,  
Senhores e minhas senhoras.

## I

Margarida vai à fonte,  
Margarida vai à fonte  
Para encher a cantarinha.  
Brotam lírios pelo monte...  
Vai sòzinha para a fonte,  
Vai à fonte e vem sòzinha.

## CÔRO

Brotam lírios pelo monte,  
Vai à fonte e vem sòzinha.

## II

Seus olhos verdes, risonhos,  
Seus olhos verdes, risonhos,  
Nunca pousam em ninguém.  
Parecem viver de sonhos,  
Mais vagos do que risonhos,  
Mas são risonhos também.

## CÔRO

Parecem viver de sonhos,  
Mas são risonhos também.

## III

Tam pequena, a casa dela,  
Tam pequena, a casa dela,  
Fica à beira do caminho,  
E os canteiros da janela,  
Envolvendo a casa dela,  
Tem arôma a rosmaninho.

## CÔRO

E os canteiros da janela  
Tem arôma a rosmaninho.

## IV

Margarida quando passa,  
Margarida quando passa,  
Leva saias de algodão;  
Mas tem vestidos de graça  
Quando ri e quando passa  
Poisando os olhos no chão.

## CÔRO

Mas tem vestidos de graça  
Poisando os olhos no chão.

## V

Tam mimosa e delgadinha,  
Tam mimosa e delgadinha,  
A fórma do seu andar  
Lembra um vôo de andorinha,  
Quando passa de tardinha,  
Quando gira de vagar.

## CÔRO

Lembra um vôo de andorinha  
Quando gira de vagar.

## VI

Linda flôr desconhecida,  
Linda flôr desconhecida,  
Que o sol beijou ao nascer,  
Deixa-te estar escondida  
Margarida, Margarida,  
Nessa paz do teu viver.

## CÔRO

Deixa-te estar escondida  
Nessa paz do teu viver.

---

## *Joaninha dá esmola*

Uma vez a Joaninha,  
Para a sua merendinha,  
Deram-lhe um bôlo tam belo,  
Que ela quis logo comê-lo.

Nisto, batem à janela,  
Truz, truz, truz! E que vê ela?  
Uma pobre, uma infeliz  
Que tristemente lhe diz:

« Ai, minha rica menina!  
Tenha dó de quem se fina,  
Porque não tem que comer,  
Nem com que ao filho valer! »

Condoída a Joaninha,  
Dá o bôlo à pòbrezinha:  
— Toma, pòbrezinha, come!  
Já alivias a fome. —

JOÃO DE DEUS

¿ Vês essa nobre senhora  
A quem a fúria insensata  
De parecer literata  
Interiormente devora?  
Pois escuta: essa eminência,  
Com tantos *puxos* de ciência,  
Com tanto romanticismo,  
Não sabe, (quem o diria!)  
Nem sequer a *àvêm*aria,  
Quanto mais o Catecismo...

¿ Vês essa *môça coquette*  
Que bufa, chora, esperneia,  
Que contra a mãe arremete,  
Porque em tudo se intromete  
Em lugar de fazer meia?  
Pois tamanho e baldado anseio,  
Que a soberba assim empola,  
E' porque vai ao passeio  
Ensaíar seu *coquettismo*,  
Em vez de voltar à escola  
A aprender o Catecismo...

¿ Vês essa jovem mundana  
Que a blasfemar enrouquece,  
Que até o chão estremece  
Porque lhe dá na rial gana  
E não pôde, em cada dia,  
Gozar um vestido novo,  
Nem freqüentar uma orgia?

Pois o motivo do sismo  
São os pais, que a engendraram,  
E a bailar, sim, a ensinaram,  
Mas... nada de Catecismo...

Vês êsse outro jogador,  
Esse tôrpe libertino,  
Que perdeu, no seu casino,  
Rendas, honras e, sem dôr,  
Numa noite de palpite,  
Ao voltear da rolêta,  
Todo o oiro da gavêta,  
(E ainda há quem o imite,  
Que a desforra assim requer!)  
Carro e piano da mulher?  
Pois já sua louca infância  
Augurava o cataclismo  
Quando, p'ra jogar, com ânsia,  
A bisca, a manilha, a bola,  
Se escapulia da escola,  
Fugia do Catecismo...

De modo que, em conclusão,  
Meu verso dizer-vos ousa:  
Os homens são o que são,  
Antes por educação  
Que por qualquer outra cousa;  
E a ciência vã do letrado,  
O sabre do cesarismo,  
Nunca farão que um malvado  
Chegue a ser homem honrado,  
Se não sabe o Catecismo.

\* \* \*

---

## AS CRECHES

---

« Mãe! leva-me também?  
— Não pôde ser, filhinha!  
« Pois deixa-me sòzinha?  
— Deixo-te outra mãe...  
Que é mãe da orfandade  
E como mãe te ama!  
« E ela como se chama?  
— Chama-se a Caridade!

JOÃO DE DEUS.



**A SCENA :**

*Representa a avenida de um jardim. Ao subir o pano os personagens estão todos em semicírculo, ficando à E. os que representam de rapazes, e as raparigas à D., de maneira que as províncias estejam dispostas a partir do F. para a E. B. e D. B. Cada par veste os trajos regionais da respectiva provincia.*

### Legenda para a encenação

---

(1) — O piano toca uma breve introdução e o par que representa a Província do Minho, e deve estar ao centro do F., desce ao 1.º plano a dançar o vira e aí canta a duo a parte musical da respectiva provincia. O côro geral, no fim, repete o canto para durante ãle os dois da Província do Minho recuarem a dançar e recolherem no seu lugar ao centro do 3.º plano.

(2) — Vem do F. o par que representa a Província do Douro afim de cantar ao centro do 1.º plano como os da Província do Minho. No fim o côro geral repete o canto e, enquanto dançam, os dois que representam a Província do Douro recolhem aos seus lugares do 3.º plano.

As restantes províncias seguem as mesmas indicações.

(3) — Portugal entra pelo F. D. e pára ao centro até os personagens do Algarve terminarem o final da sua quadra.

(4) — Depois dos personagens do Algarve se retirarem para os seus lugares, Portugal vai descendo e cantando até ao centro do 2.º plano, onde fica.

— Também se pode formar uma apoteose ao aparecer Portugal ao fundo, rodeado de criancinhas com vestidos de vário colorido simulando vasos de flores.

---

## QUADRA SIMPLES

---

Um dia, a uma cigana,  
Minha sina mandei ler.  
Pegou-me na mão e disse:  
« O teu destino é sofrer ».

Livrai-me do sofrimento  
(Pedi à Mãe de Jesus),  
Nossa Senhora apontou-me  
Seu Filho morto na Cruz...

Eis um canto de amor no ar se espalha:  
— é a terra a cantar por quem trabalha!

O arado rasga a terra, e os bois, passando,  
com seus olhos a vão abençoando.

Sem as suas fadigas e canseiras,  
não teriam florido as sementeiras!

Sem a sua fôrça, sem a sua dôr,  
não estava rindo a terra tôda em flôr!

E por onde os bois lavraram  
as fontes frescas brotaram,  
as árvores verdejaram,  
os passarinhos cantaram,  
as flôres lindas floriram,  
os campos reverdeceram,  
os pães cresceram  
e os homens sorriram!

AFONSO LOPES VIEIRA.

---

## MUITO PEDIR

---

— Dá-me êsse jasmim de cêra,  
Minha flôr?  
« Mas e depois, se lho dera,  
Meu senhor? »

« Oh tão linda! Mas parece,  
Sendo assim,  
Que inda quando lhe não desse  
Tal jasmim... »

— Depois, era uma lembrança.  
« Mas de quê? »  
— De uma tam linda criança,  
Já se vê.

— Não me esquecia por certo.  
« Nunca já? »  
— Nunca. « Nunca é muito incerto,  
Mas... vá lá. »

— E a rosa, que bem lhe fica,  
Dá-ma, flôr?  
« Oh! a rosa, a rosa pica,  
Meu Senhor! »

JOÃO DE DEUS.

# DANÇA DO VENTO

---

Cruel vento, cruel vento,  
ah! roubador maioral!

(Romanceiro).

O vento é bom bailador,  
baila, baila e assobia,  
baila, baila e rodopia  
e tudo baila em redor!

E diz às flôres, bailando :  
— Bailai comigo, bailai !  
E elas, curvadas, arfando,  
começam, dêbeis, bailando,  
e suas fôlhas tombando,  
uma se esfólha, outra cai,  
e o vento as deixa, abalando,  
— e lá vai!...

O vento é bom bailador,  
baila, baila e assobia,  
baila, baila e rodopia  
e tudo baila em redor!

E diz às altas ramadas :  
— Bailai comigo, bailai !  
E elas sentem-se agarradas,  
bailam no ar desgrenhadas,  
bailam com êle assustadas,  
já cansadas, suspirando,  
e o vento as deixa, abalando,  
— e lá vai!...

O vento é bom bailador,  
baila, baila e assobia,  
baila, baila e rodopia  
e tudo baila em redor!

E diz às fôlhas caídas :  
— Bailai comigo, bailai !  
No quieto chão remexidas,  
as fôlhas, por êle erguidas,  
pobres velhas ressequidas  
e pendidas como um ai,  
bailam, doidas e chorando,  
e o vento as deixa, abalando,  
— e lá vai!...

O vento é bom bailador,  
baila, baila e assobia,  
baila, baila e rodopia  
e tudo baila em redor!

E diz às ondas que rolam :  
— Bailai comigo, bailai !  
E as ondas no ar se empolam,  
em seus braços nús o enrolam,  
e batalham,  
e seus cabêlos se espalham  
nas mãos do vento, flutuando,  
e o vento as deixa, abalando,  
— e lá vai!...

O vento é bom bailador,  
baila, baila e assobia,  
baila, baila e rodopia  
e tudo baila em redor!

E diz à chuva caíndo :  
— Bailai comigo, bailai !  
E ao dela seu corpo unindo,  
beija-a na bôca, sentindo  
que ela o abraça, sorrindo,  
e desmaia, volteando,  
e já vérga ao beijo, e cai,  
e o vento a deixa, abalando,  
— e lá vai!...

## O MELHOR VENTO

---

*Corria lá pela aldeia  
Ditado que Deus mantenha:  
—«A quem Deus quer ajudar,  
O vento lhe apanha a lenha...»—*

*Mulher pobre e preguiçosa,  
Que nessa aldeia morava,  
Ouviu, gostou da sentença,  
Nela se sentenciava.*

*Não quis saber se mer'cia,  
Ou não, que Deus a ajudasse:  
Foi à lenha ao monte, e disse  
Ao vento que lha apanhasse.*

*Ora o vento, ao que parece,  
Tinha lá seu pensamento:  
Em vez de a ajuntar, espalha-a,  
No que mostrava ser vento...*

*E a preguiçosa da velha  
(O sol de inverno lhe valha!)  
Voltou a casa, à noitinha,  
Sem trazer nem maravalha.*

*Já se vê, não fez fogueira  
Nessa noite de invernã,  
E, ao frio que padeceu,  
Quási de frio morria...*

*De manhã, lá volta ao monte;  
Mas, ao lembrar-lhe a lição,  
Não espera pelo vento,  
Ajunta por sua mão!*

*E, depois, dizia ela,  
De consolada, ao borrarho:  
—«Vento com que Deus ajuda?...  
O mais seguro é o Trabalho.»—*

CORREIA DE OLIVEIRA.

---

## CANTO DE UMA CEIFEIRA

---

*Ciranda, minha ciranda,  
Não cances de cirandar,  
Mal sabes tu, ó ciranda,  
As máguas do meu penar.*

*As máguas do meu penar  
São lufas do meu viver,  
Só tu, ciranda, só tu,  
Me podes compreender.*

*A minha dôr não tem eco  
No coração de ninguém,  
Contigo só desabafo  
As máguas que a vida tem.*

*Vagueio só neste mundo  
Repudiada do Amor,  
Ciranda, minha ciranda,  
Para nós foi feita a dôr.*

*A dôr em que nós vivemos  
Tristes, sòzinhas no mundo,  
Há-de um dia ter seu fim,  
Há-de um dia ter seu fundo.*

*Ciranda, minha ciranda,  
Não cances de cirandar;  
Trabalha e chora comigo  
As máguas do meu penar...*

P. TARCÍSIO DO CENÁCULO.

- A. — Sim, abaixo.  
 B. — E viva a modéstia?  
 A. — Sim, viva.  
 B. — Então nem querer ser estúpida, como eu, nem querer fingir de esperta, como tu?  
 A. — Exatamente. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

P.<sup>E</sup> ZAMITH.

FIM

## O MANTO DA LUA

A lua foi pedir um dia ao sol  
 que lhe emprestasse,  
 só por um instante,  
 O manto rutilante  
 para apagar as tintas do arrebol.

O sol ouviu-a mudo,  
 mas, passado um momento,  
 respondeu:  
 — Sabes o que me pedes?  
 Não vês que o manto meu  
 é ardente... é pesado...  
 que sei eu!

Tu és mulher, embora  
 queiras ter uma fôrça varonil,  
 num dia, numa hora,  
 fraquejará o teu busto gracil!

— Bem sei que sou mulher!  
 Emprésta-me o teu manto,  
 embora pese tanto,...  
 quando fores repousar.

— Está bem.  
 — Naquela mesma noite  
 o sol cedeu à lua  
 o fim do seu fulgor;

Ela exultou!  
 Vestiu o argênteo manto,  
 e, iluminando assim o seu palor  
 com a beleza sua,  
 Não temendo do vento o rijo açoite,  
 foi espriar-se sôbre o monte agreste.

Horas depois, aquela luz suave  
 oscilou,  
 A lua estremeceu;

e então foi vagarosa  
 manchar de luz o lúgubre cipreste.  
 O momento era grave,  
 pois tudo escureceu,

Mas, num esforço hercúleo,  
 o belo manto ergueu!  
 Como ferida por cruel acúleo,  
 inclinou-se; o manto resvalou  
 dos seus ebúrneos ombros,  
 e caíu sôbre o mar!

Noite cheia de assombros:  
 a lua então chorou,  
 em plena escuridão!

Era mulher, não pôde aguentar  
 o manto rutilante  
 que lhe emprestara o sol,  
 mesmo no declinar!...

Por isso, em noites belas,  
 o manto desejado,  
 grande, suavemente prateado,  
 recamado de fúlgidas estrêlas,  
 descança sôbre o mar:

Reconheceu a lua com tristesa  
 que as leis da natureza  
 não são fôrças iguais.  
 Ela tem a beleza casta, feminina,  
 diáfano palôr:  
 encantos naturais  
 dessa imutável lei;  
 Mas o sol... tem a fôrça masculina,  
*E' sempre o astro rei!*

PLÁCIDO OSÓRIO.

# OS BOIS

---

Os bois! Fortes e mansos, os boizinhos,  
—leões com corações de passarinhos!

Os bois! Os grandes bois, êsses gigantes,  
tão amigos, tão úteis, tão possantes!

Vêde os bois a puxar, pelas estradas,  
aquelas pesadíssimas carradas.

O corpo dêles, com o esforço, fréme,  
e o carro geme, longamente geme...

O carro geme, geme longamente,  
e os bois vão a puxar, cansadamente.

E à noite, pela estrada tão sòzinha,  
o carro geme, geme, e lá caminha...

E parece, p'la noite envolta em treva,  
que é o carro a chorar por quem o leva.

Vêde o boi a puxar à velha nora,  
que parece também que chora, chora.

A nora chora, e o boi, cansadamente,  
anda à roda, anda à roda, longamente...

E parece, p'la tarde êrma que expira,  
que é a água a chorar por quem a tira.

Mas vêde os bois, também, nessa alegria  
de trabalhar na terra, à luz do dia!

Vêde os bois puxar ao arado, agora,  
que o lavrador conduz p'lo campo fóra!

Que arrancara um obuz, feriu-o finalmente;  
 Mas o pequeno herói, continuou prá frente  
 Sem afrouxar a marcha... A meio da calçada,  
 Dominando o tropél, sôbre uma barricada,  
 Pareceu-lhe distinguir um vulto conhecido...  
 Com certeza era êle... o seu paizinho querido!...  
 E cheio de alegria, abrindo muito os braços  
 P'ra mais cêdo o alcançar, foi alargando os passos  
 E proseguiu então, com mais fôrça exclamando:  
 — *Meu Pai!... Meu Pai!... Sou eu! Sou eu! é o seu Fernando!...*  
 Nisto, viu-se luzir um cano de espingarda...  
 Nêsse instante, na rua, ia a passar um guarda.  
 Ouviu-se o detonar da arma, e, sibilando,  
 Uma bala partiu, voou, e atravessado  
 O ar na direcção donde o soldado vinha,  
 Varou de lado a lado a ingénua criancinha,  
 Cortando-lhe na bôca o seu dôce estribilho...  
 A bala do *paizinho*... havia morto o filho!...

CALDAS DO CRÓ.  
 18-IX-909

A. DINIZ DA FONSECA.

---

## AS ÁRVORES

---

*Ouve, meu filho: cheio de carinho,  
 Ama as árvores, ama. E se puderes,  
 (E poderás: tu podes quando queres!)*  
*Vai-as plantando à beira do caminho.*

*Hoje uma, outra amanhã, devagarinho,  
 Serão em fruto e em flôr quando cresceres;  
 Façam os outros como tu fizeres:  
 Aves de Abril que vão compondo o ninho.*

*Torne fecunda e bela, cada qual,  
 A terra em que nasceu: e Portugal  
 Será fecundo e belo, e o mundo inteiro.*

*Fortes e unidos, trabalhai assim...  
 A Pátria não é mais do que um jardim  
 Onde nós todos temos um canteiro.*

ANTÓNIO CORRÊA DE OLIVEIRA.

# Os Passarinhos

Que bonitos, que engraçados,  
que piquenos, coitadinhos,  
Os estouvados  
dos passarinhos!

A sua vida é cantar,  
voar,  
brincar pelo ar,  
e alegrar  
com seus chilreios  
tam cheios  
de graça e bôa alegria,  
a luz do dia!

Que bonitos, que contentes,  
e que espertos, coitadinhos,  
os inocentes  
dos passarinhos!

A sua vida é voar,  
cantar,  
brincar pelo ar  
em ranchos alegres e mui divertidos,  
e quando poisam nos ramos floridos  
parece que as flores estão a gorjear!

Que bonitos, que engraçados,  
os passarinhos,  
se estão casados  
dentro dos ninhos,  
e vão criando, com mil cuidados,  
os seus meninos!

¿E então quando os pequeninos,  
já mais crescidos,  
podem sair?  
Vêm com êles os pais,  
e êles piam,  
piam,  
piam,  
muito contentes, os atrevidos,  
assim a-modo que a rir  
e aos ais...



## OS APELIDOS

---

Há quem se chame Carneiro,  
e há Cordeiros também;  
mas, que se chame Cabrito,  
eu não conheço ninguém.

Há também o senhor Prêgo,  
mas não o senhor Martelo;  
há o Branco, o Preto, o Verde,  
só não há o Amarelo.

Há aí muito senhor Lobo,  
e muito senhor Leão;  
mas, co'apelido de Tigre,  
não há nenhum cidadão.

Há muito senhor Veludo,  
e não há senhor Percal;  
não há senhor Formigueiro,  
e há senhor Formigal.

Há Oliveira, há Laranjeira,  
Moreira, Pereira, Parreira;  
só não conheço ninguém  
co'apelido de Gingeira.

Há o Barata, há o Aranha,  
Mas ninguém teve inda a idea  
de se chamar Percevejo,  
ou chamar-se Centopeia.

Há Pires e não há Prato,  
há Rocha e não há Calháu;  
há muito senhor Sardinha,  
nenhum senhor Carapau.

Há muito senhor Vitória,  
e nenhum senhor Derrota,  
há, enfim, muito senhor Fino,  
e nem um só Idiota.

\* \* \*

---

## *Má sorte de um pintassilgo*

---

Apanhou-me um pintassilgo  
meu criado, certo dia;  
era novo, daquêle ano,  
mas piava e já comia.

Quando dei pelo atentado,  
corri para lhe valer,  
mas já tinha expirado.  
Ai que ferro me meteu  
o descuido do criado.

Foi crescendo. Já trinava  
cantos lindos de pasmar,  
quando uma vez o criado,  
bom rapaz, mas descuidado,  
(nem eu me quero lembrar),  
deixa ao sol do meio-dia,  
— e que sol, Virgem Maria!... —  
a avezinha a torrar.  
Que havia de acontecer,  
senão assada morrer?

Vossos filhos são, ó Mãe,  
as aves do vosso amor;  
com desvêlo agasalhai-os  
das paixões, que o seu calor  
tão voraz e esbraseante  
asfixia-as num instante.  
Se não lhes acudis com tempo,  
a sua inocência em flôr  
Esvai-se-lhes num momento.

B. RIBEIRO.

a trompa: pó, pó, pó;  
 o rabeção: ão, ão, ão;  
 o flautim: pi, pi pi; (*Muitissimo depressa*)  
 pi, pi, pi; pi, pi, pi; ão, ão, ão; ão, ão, ão;  
 pó, pó, pó; pó, pó, pó; tlim, tlim, tlim;  
 tlim, tlim, tlim; mé, mé, mé; mé, mé, mé;  
 glu, glu, glu; glu, glu, glu; tá, tá, tá; tá, tá, tá;  
 plum, plum, plum; nhã, nhã, nhã; nhã,  
 nhã, nhã; xim, xim, xim; xim, xim, xim;  
 prau, prau, prau; prau, prau, prau;  
 tau, tau, tau; tau, tau, tau; tau, tau, tau;  
 tau, tau, tau. Tau.

FIM

---

## *O Relójo e a Igualdade Social*

---

Vi numa relojoaria  
 Charlatão inovador  
 Tão néscio, que pretendia  
 Prémio, menção e louvor  
 Quando bôlos merecia.  
 Quis fazer o toleirão  
 Relójos especiais,  
 Que andassem com perfeição,  
 Tendo (eis a inovação)  
 Todos as rodas iguais!  
 O plano fez espavento  
 E o mestre, firme na teima,  
 Fechou-se num aposento  
 Com entusiasmo e com fleima  
 A lidar no louco intento.  
 Passou vinte anos inteiros  
 Sacrificando à mania  
 Mil relójos verdadeiros.

Gastou inúteis dinheiros,  
 Não obteve o que queria  
 E apanhou a zombaria  
 Dos mestres relojoeiros.  
 Relojoeiros sei eu  
 Eguais àquêlé sandeu.  
 Querem total igualdade  
 E ordenar a sociedade,  
 Como êle o relójo seu.  
 Mas p'ra que um relójo ande,  
 A roda pequena ensina  
 Que necessita da grande  
 E a grande da pequenina.  
 Isto é claro como um facho,  
 Mas o inferno é quem anima  
 Da igualdade a pantomima,  
 Pois quer vingar-se, o diacho,  
 Nos relójos cá de baixo  
 Do relojoeiro de cima.

P. E CAMPO SANTO, S. J.

# UMĀ HISTÓRIA

---

Não percais nunca a memória  
Desta mui fiel história

L. A. PALMEIRIM.

Havia um bom velho, bem velho, coitado,  
Que já dos oitenta devia passar;  
Era homem do campo, chorava o passado,  
E dava-lhe gôsto comigo falar.

Contava-me histórias que tinha aprendido  
Quando era pequeno, sentado no lar,  
Daquelas histórias, por uso sabido,  
Que a avó conta aos netos, ao lume a fiar:

Histórias das almas, que vem do outro mundo  
Por horas já mortas à terra penar;  
Histórias de bruxas, que em giro rotundo  
Costumam de noite por festa dançar.

E cri-as o velho com fé verdadeira!  
Deixá-lo, que é doce no peito guardar  
As crenças herdadas na infância à lareira;  
Não sou eu que delas me atrevo a zombar.

Eu sei respeitá-las. Lá vai uma história  
Das muitas que o velho sabia contar;  
Ficou-me gravada mui bem na memória,  
Por ser das mais críveis, e eu dela gostar:

Noite de inverno: ventava,  
Chovia, se Deus a dava,  
Quando o velho me falava  
Duns amores que por fim  
Tiveram mau resultado;  
Não fico pelo contado,  
Só sei que o velho era honrado,  
E a história contou-ma assim:

nós o seu ilustre companheiro e votarão como êle a favor da nossa proposta. (*Aplausos*).

**Espírito Santo Liberal** — Concordando em tudo com o que o sr. Vicente Concórdia disse no seu discurso, declaro que pódem as direitas contar com a minha cooperação, e, segundo espero, com a de todos os que a meu lado se encontram, (*Indicando as esquerdas*) os quais desejam lealmente, não o ruído da disputa, mas o triunfo da verdade. (*Muito bem. Grandes aplausos em todo o salão*).

**Presidente** — Vai proceder-se à votação da matéria discutida. Os senhores Académicos que aprovam, levantam-se; e os que reprovam, ficam sentados. Mas antes, o sr. Secretário queira ter a bondade de repetir a leitura das teses em questão.

**Secretário (Lê)** — Os académicos abaixo assinados, têm a honra de apresentar à aprovação da Academia as seguintes proposições, que desejam discutir e demonstrar:

**Primeira:** O Catecismo é a base da Educação perfeita no indivíduo;

**Segunda:** O Catecismo é o fundamento da paz social nas nações;

**Terceira:** Por conseguinte, o Papa Pio X, incansável propulsor do Catecismo em todo o mundo, deve por êste motivo ser proclamado « **Bem-feitor insigne da humanidade** ». (*Grande pausa*).

**Presidente (Fazendo sinal com a campainha)** — Proceda-se à votação das teses propostas.

**Todos (Pondo-se de pé)** — Aprovado. (*Grande pausa*).

**Secretário** — Tomaram parte na votação 15 senhores académicos, e todos admitem a proposta discutida visto que todos estão de pé. (*Pausa*).

**Presidente** — Fica aprovada por unanimidade a proposta do sr. Teófilo Verdades.

(*Grandes e entusiásticos aplausos ressoam por todo o salão e prolongam-se por algum tempo*).

**Presidente** — Está encerrada a sessão.

FIM

## O AMOR E O TEMPO

Pela montanha alcantilada,  
Todos quatro em alegre companhia,  
O Amôr, o Tempo, a minha Amada  
E eu, subíamos um dia.

— Amor! Amor, mais devagar!  
Não corras tanto assim, que tão ligeira  
Não póde com certeza caminhar  
A minha doce companheira!»

Da minha amada no gentil semblante,  
Já se viam indícios de cansaço;  
O Amôr passava-nos adiante,  
E, com o Tempo, acelerava o passo.

Súbito o Amor e o Tempo, combinados,  
Abrem as azas trémulas ao vento...  
— ¿Porque voais assim tão apressados?  
¿Onde vos dirigis? — Nesse momento,

Volta-se o Amôr e diz com azedume:  
— Tende paciência, amigos meus!  
Eu sempre tive êste costume  
De fugir com o tempo... Adeus!... Adeus!...

D. ÍMPIO — Mas o fogo? o fogo?

CANTACLARO — Foi pêta.

BICHOS — Pêta?! Pêta?! ; Mas então foi pêta?!... *(Só agora é que se levantam os bichos e esfregam as mãos de contentes)*.

CANTACLARO — Pois claro. Então vocês não sabem que os bons católicos não cometem crimes?

BICHOS — Bravo! Bravo! Bravo! *(Palmas)*.

CANTACLARO — Dêmos, pois, graças a Deus pela vossa conversão; que muitas vezes de uma simples brincadeira tira o Senhor êstes prodígios da sua misericórdia.

D. ÍMPIO — ; Que conversão, nem qual carapuça!... Cada um de nós está onde sempre esteve.

BICHOS — Isso mesmo, cada um no seu pôsto.

TODOS OS ESPECTADORES — Miseráveis! insensatos!

CANTACLARO — Sim, miseráveis, insensatos, que vêdes, conheceis e sentís a verdade, e a desprezais. E' pouco um inferno, são poucos mil infernos para castigar tanta perversidade, tanta dureza de coração.

TODOS OS ESPECTADORES — Viva Cantaclaro! Viva Cantaclaro! Bravo! Bravo!

## CAI O PANO

---

## DIA DE ANOS

---

Com que caíu na asneira  
De fazer na quinta-feira  
Vinte e seis anos! Que tôlo!  
Ainda se os desfizesse...  
Mas, fazê-los, não parece  
De quem tem muito miôlo!

Não faça tal; porque os anos  
Que nos trazem? Desenganos  
Que fazem a gente velho:  
Faça outra coisa; que em suma  
Não fazer coisa nenhuma,  
Também lhe não aconselho.

Não sei quem foi que me disse  
Que fez a mesma tolice  
Aqui o ano passado...  
Agora o que vem, apósto,  
Como lhe tomou o gôsto,  
Que faz o mesmo? Coitado!

Mas anos, não caia nessa!  
Olhe que a gente começa  
Às vezes por brincadeira,  
Mas depois se se habitua,  
Já não tem vontade sua,  
E fá-los, queira ou não queira!

JOÃO DE DEUS.

*A Saúde:*

— E scismo, em mágua envolta...

*A Esperança:*

— No tempo que há-de vir!..

*A Saúde:*

— No tempo que não volta!...

*A Esperança:*

— Que diferença em nós!...

*A Saúde:*

— Oh! sim, que diferença!

— Em mim silêncio e dôr...

*A Esperança:*

— Em mim murmúrio e crença!

(*Pegando-lhe na mão*)

Mas eu quero-te bem!...

*A Saúde (Meigamente):*

E eu sinto-me atraída  
por ti, e para ti, irresistivelmente...

*O Passado:*

(*Que tem entrado pela D. e ouvindo o final da conversa*)

— E' que ambas vós, enchendo o coração da gente,  
sois o todo, afinal, a que se chama *A Vida*.

(Do «Auto dos Faroleiros»).

BRANCA DE GONTA COLAÇO.

## ENTÊRRO E NOIVADO

Saíram da mesma rua  
Um entêrro e um noivado,  
E, dentro em pouco, passavam  
Morta e noiva lado a lado.

Qual julgam que ia risonha?  
Qual a que chorando estava?  
Talvês o leitor se engane,  
Porque, se a visse, pasmava.

Ambas de branco vestidas,  
Ambas de cândido véu:  
Uma ao altar caminhava,  
Já estava a outra no céu.

Pois talvês dissera, vendo  
Sorrir uma, outra a chorar,  
Que ia a morta ao seu noivado,  
Que ia a noiva a enterrar...

(Tradução do espanhol)

Mas, é claro, é evidente,  
A razão vê-se de sobra,  
Que não fará tãda a obra,  
Fará cruces tão sòmente;  
Mas será cuidado seu  
Tornar seu pêso suave  
E dar-lhes fôrma de chave  
P'ra abrir as portas do Céu.  
Junto do bêrço, em Belém,  
Já tem pronto um bom sortido,  
Mui abundante e escolhido.  
Sou, et coetera... »

TODOS :

—Muito bem !

TOUREIRO :

Pois a Belém vou já dar,  
Toque-toque-toque-toque,  
Empenho muleta e estoque  
E uma cruz hei-de comprar.

MILITAR :

Olha se lá me conduzes,  
Que eu pretendo uma também.

TODOS :

—E eu ! e eu !

TOUREIRO :

—A Belém!  
Vamos a Belém, às cruces !

G., S. J.

*Tradução do castelhano por*

P.<sup>º</sup> BARBOSA CAMPOS

FIM

---

## A CÈGUINHA

---

Depois que Deus me cegou,  
Não vejo os filhos andar.  
Nesta miséria em que estou,  
Mil graças, Senhor, vos dou !  
Mas inda os oiço chorar...  
E assim pobre como sou,  
Nada tenho que lhes dar,  
E debalde me condôo !  
Senhor, poupai-me o pesar  
Também de os ouvir chorar !

JOÃO DE DEUS.

ALÍPIO — Diz bem. E, a propósito, hoje é preciso frêsko e re-frêsko, que sempre está um calor!... (*Abana-se*) Vou tomar cerveja, ou gazosa, ou qualquer coisa; é servida? ou sou imprudente em ofececer?...

LEOCÁDIA — Obrigada; não quero ser-lhe pesada; para que há-de incomodar-se? ficava-lhe caro o paleio...

ALÍPIO — Ah! se é por isso, não se aflija..., tomamos um re-frêsko e comemos uns docitos. A grande coisa!... Só a sua companhia vale mais do que tôdas as despêsas possíveis e imagináveis.

LEOCÁDIA — Estou vendo que é demasiado generoso.

ALÍPIO — Por uma ninharia?!... Vamos, Leocádia, não esteja com cerimónias: se eu não estivesse dispôsto a fazer comsigo mais despêsa do que a de uns pobres dôces, nem sequer era digno de lhe falar.

LEOCÁDIA — Não seja impostor...

ALÍPIO — Impostor?!... Eu já lhe disse que sou franco. Vamos! (*Sentam-se junto de uma das mesas da E. B. e Alípio bate palmas. Vem um criado da D. M.*)

CRIADO — Os senhores decexam alguma coiza?

ALÍPIO — Traz uns pastelitos. ¿Que gosta mais Leocádia?

LEOCÁDIA — Qualquer coisa... O que o senhor gostar mais...

CRIADO — Xaçuitas; médias luas; frexideiras de Brágã; biscoitos de Biánã?

ALÍPIO — Bem; traz jesuítas..., ou antes, meias luas.

LEOCÁDIA — O que quiser...

ALÍPIO — Então traz jesuítas..., e traz também meias luas..., e frejideiras também..., e um refrêsko qualquer, ouviste?

CRIADO — Vино? Cervexa? gassoça? limonada? pirolito?

ALÍPIO — Qualquer coisa que refresque.

CRIADO — Está bien. (*Traz doces e bebidas. Os dois vão comendo e conversando.*)

ALÍPIO — Pois é como lhe digo. Nesta primeira vez que tenho a honra de lhe falar não posso pretender que acredite tudo quanto lhe afirmo; mas com o tempo me conhecerá. (*Entra o criado*) Eu sou assim. Olhe: preferia deitar-me ao rio, atirar-me da ponte abaixo, ir para um convento, eu sei lá o quê! a cometer a mais leve falta de respeito para com uma senhora. Para mim nada há que mereça mais consideração do que a dignidade da mulher.

(*Continuam comendo e bebendo e, neste comênos, entra pela D. M. uma cega conduzida por uma rapariga. A cega canta os versos seguintes enquanto os dois comem e se servem mutuamente em silêncio.*)

## I

Sou cèguinha de nascença,  
Isto assim não é viver!...  
Minha tristeza é imensa,  
Quem me dera já morrer...

Eu ouvi dizer um dia  
Que era linda a côr do céu,  
Tentei vê-la, não podia,  
Cobria-me um negro véu.

## II

Não sei a côr das florinhas  
Que há na terra a vicejar,  
Só conheço os passarinhos  
Pelo modo de cantar.

Os meus pais eu nunca vi,  
Nem mesmo parentes meus:  
Sou filha da desventura,  
Só tenho a graça de Deus.



VI

DOUTOR (*canta*):

Afinal estou convencido  
Que a vida tem de correr  
Entre lágrimas e risos,  
Sempre assim até morrer.

CÔRO:

Viva a folia, etc.

FIM

---

CANÇÃO DAS PEDRAS DA RUA

---

Sômos as pedras da rua  
Pisadas por tôda a gente  
Que sorte mísera e crua!  
E que destino inclemente!

Vida de amor e carinhos  
Que nos faria felizes:  
Sermos a mó dos moínhos,  
Boquinhas de chafarizes...

As outras irmãs pèdrinhas,  
Que estimadas que elas são!  
Só nós, as engeitadinhas,  
Sômos as pedras do chão!

A pèdrinha das lareiras,  
A arder no inverno cruel;  
Ou a pèdrinha das eiras  
Tôda a rir no San-Miguel...

Quem nos dera ver erguidas  
Nêsses montes altaneiros,  
Feitas pèdrinhas de ermidas  
Ou pèdrinhas de cruzeiros!

As outras irmãs pèdrinhas,  
Que estimadas que elas são!  
Só nós as engeitadinhas,  
Sômos as pedras do chão!

## O MELHOR VENTO

---

*Corria lá pela aldeia  
Ditado que Deus mantenha:  
—«A quem Deus quer ajudar,  
O vento lhe apanha a lenha...»—*

*Mulher pobre e preguiçosa,  
Que nessa aldeia morava,  
Ouviu, gostou da sentença,  
Nela se sentenciava.*

*Não quis saber se mer'cia,  
Ou não, que Deus a ajudasse:  
Foi à lenha ao monte, e disse  
Ao vento que lha apanhasse.*

*Ora o vento, ao que parece,  
Tinha lá seu pensamento:  
Em vez de a ajuntar, espalha-a,  
No que mostrava ser vento...*

*E a preguiçosa da velha  
(O sol de inverno lhe valha!)  
Voltou a casa, à noitinha,  
Sem trazer nem maravalha.*

*Já se vê, não fez fogueira  
Nessa noite de invernã,  
E, ao frio que padeceu,  
Quási de frio morria...*

*De manhã, lá volta ao monte;  
Mas, ao lembrar-lhe a lição,  
Não espera pelo vento,  
Ajunta por sua mão!*

*E, depois, dizia ela,  
De consolada, ao borrarho:  
—«Vento com que Deus ajuda?...  
O mais seguro é o Trabalho.»—*

CORREIA DE OLIVEIRA.

---

## CANTO DE UMA CEIFEIRA

---

*Ciranda, minha ciranda,  
Não cances de cirandar,  
Mal sabes tu, ó ciranda,  
As máguas do meu penar.*

*As máguas do meu penar  
São lufas do meu viver,  
Só tu, ciranda, só tu,  
Me podes compreender.*

*A minha dôr não tem eco  
No coração de ninguém,  
Contigo só desabafo  
As máguas que a vida tem.*

*Vagueio só neste mundo  
Repudiada do Amor,  
Ciranda, minha ciranda,  
Para nós foi feita a dôr.*

*A dôr em que nós vivemos  
Tristes, sòzinhas no mundo,  
Há-de um dia ter seu fim,  
Há-de um dia ter seu fundo.*

*Ciranda, minha ciranda,  
Não cances de cirandar;  
Trabalha e chora comigo  
As máguas do meu penar...*

P. TARCÍSIO DO CENÁCULO.